

Perfil do Citricultor do Recôncavo Baiano e Implicações no Manejo da Clorose Variegada dos Citros (CVC)

Ingrid Santiago Oliveira¹; Suely Xavier de Brito Silva²; Maria Aparecida Carvalho Cerqueira de Almeida³; Antonio Souza do Nascimento⁴

¹Estudante do Mestrado Profissional em Defesa Agropecuária da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; ²Fiscal Estadual Agropecuário da Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia;

³Auxiliar de Fiscalização da Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia; ⁴Pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura. E-mails: ingridsoliveira@gmail.com, suely.xavier@adab.ba.gov.br, maria.almeida5@adab.ba.gov.br, antonio.souza-nascimento@embrapa.br

Detentora da segunda posição no *ranking* nacional da produção de citros, a Bahia possui uma área colhida da ordem de 64.398 hectares. No Recôncavo da Bahia, a citricultura é uma atividade típica da agricultura familiar e contribui com aproximadamente 20% da área em produção no Estado. Dentre as ocorrências fitossanitárias da citricultura baiana, a Clorose Variegada dos Citros (CVC) merece destaque face aos danos econômicos e à limitação na oferta de material propagativo no sistema de produção de mudas a céu aberto, comum na região em estudo. A CVC tem como agente causal a *Xylella fastidiosa*, bactéria que atua nos vasos lenhosos (xilema), promovendo assim o entupimento desses e dificultando a passagem de água e nutrientes na planta cítrica. Como consequência, os frutos não se desenvolvem e amadurecem precocemente, daí o nome popular da doença “Amarelinho”. No patossistema da CVC, há a interferência de insetos vetores (cigarrinhas), fator crucial na disseminação da doença a curtas distâncias. Até a presente data não há um método de erradicação da praga, porém, os citricultores dispõem de um protocolo de manejo em que envolve uma série de estratégias, tais como: plantio de mudas sadias, controle químico do vetor em pomares jovens, poda da copa de árvores sintomáticas, incremento no fornecimento de água e nutrientes para a planta. Este trabalho teve por objetivo caracterizar o perfil do citricultor do Recôncavo Baiano com vistas ao estabelecimento de um plano regional de manejo da CVC. Em fevereiro de 2014 foram aplicados sete questionários estruturados junto a citricultores dos municípios de Cruz das Almas, Governador Mangabeira, Cabaceiras do Paraguaçu, Sapeaçú, Castro Alves e Jaguaripe. Em média, os citricultores têm 55 anos de idade, 57% dos entrevistados declararam possuir ensino fundamental incompleto e exercem a atividade citrícola em propriedades cuja área média é de 6,45 hectares. 42% dos pomares têm menos que seis anos de idade, 29% estão na faixa de sete a dez anos e igual percentagem, entre 11 e 25 anos. No tocante à assistência técnica rural, 71% afirmaram não contar com esse tipo de serviço. Conforme levantamento prévio realizado pela Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB), 100% das propriedades visitadas apresentavam sintomas da CVC, em três graus de severidade: somente em folhas (1); em folhas e frutos (2) e folhas, frutos e emponteiramento de ramos (3). Quanto à percepção dos sintomas em campo, 57% dos citricultores não os conheciam. No quesito “origem do material propagativo”, 100% desse procedeu de viveiros da região. Esses resultados ainda que preliminares, pois, o universo amostral está sendo ampliado, indicam que a CVC está em franca expansão no Recôncavo Baiano; que o material propagativo tem contribuído para a introdução da bactéria em pomares em formação; que o citricultor necessita de amparo técnico para desenvolver a capacidade de reconhecimento de sintomas da doença, e adoção das medidas de controle da CVC, sob pena de fracasso governamental de qualquer tentativa de campanha para o manejo da praga.

Palavras-chave: *Xylella fastidiosa*; controle fitossanitário